

Cascata da real quinta de Caxias

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

ARRABALDES DE LISBOA

(Vid. pag. 369)

Tornando á Cruz Quebrada, e proseguindo pela estrada da beiramar, chega-se a Nossa Senhora da Boa Viagem, outr'ora convento, e presentemente propriedade particular e estação de banhos do mar.

O convento de Nossa Senhora da Boa Viagem, tambem de frades arrabidos, deveu a sua fundação ao estado de ruina a que chegára o convento de Santa Catharina de Ribamar antes que o reconstruisse o conde de Miranda, Diogo Lopes de Sousa. Antonio Faleiro de Abreu, fidalgo mui devoto da ordem de Nossa Senhora da Arrabida, vendo o descommodo e perigo em que viviam os religiosos do convento de Santa Catharina de Ribamar, e que o padroeiro do dito convento se recusava á sua reedificação, resolveu fundar n'aquellas visinhanças uma nova casa para os frades de Santa Catharina. Não lhe deixou a morte pôr em pratica esta resolução: mas, legando todos os seus bens á misericordia de Lisboa, impoz-lhe a clausula de levar a effeito a projectada fundação.

A misericordia cumpriu promptamente a condição do legado, comprando umas terras junto ao Tejo, chamadas *Cano do Moiro*, e fornecendo aos frades o dinheiro necessario para a edificação. Principiaram estes por construirem uma pequena ermida e um recolhimento provisorio, para o qual se mudaram, do de Santa Catharina de Ribamar, no anno de 1618. Passados quatro annos, lançou-se a primeira pedra nos alicerces da egreja, e só ao cabo de mais onze se concluiu juntamente com o convento, o que se effeituou em 1633. Consumiram as obras tanto tempo, não pela grandeza do edificio, mas sim porque acudiam vagarosos os meios, em razão das delongas que havia na liquidação e cobrança dos bens do fundador.

O convento de Nossa Senhora da Boa Viagem era uma casa tal qual pedia a regra apertada da penitente ordem dos arrabidos. Tanto o convento como a egreja eram pequenos e de fabrica humilde. Todavia, aquellas paredes de mesquinha architectura, que denunciavam a todos os que as viam a pobreza dos seus moradores, encerravam o mais rico thesouro de joias que havia em Portugal confiado á guarda das ordens monasticas, ou de quaesquer corporações religiosas.

Esta circunstancia é hoje, talvez, bem pouco sabida, porque essas riquezas, que fizeram aquelle sanctuario o mais celebre n'este genero entre todos os do paiz, foram alli accumuladas depois de escripta e impressa a chronica dos arrabidos, e porque todas desappareceram ha trinta annos, por occasião da extincção geral das ordens religiosas. Porém nós, que muitas vezes as vimos e admirámos pelo seu valor intrinseco e artistico, e que ouvimos da propria boca dos frades a historia de cada uma d'aquellas joias e alfaias, vamos consignar aqui uma breve noticia d'esse

thesouro, pois que não nos consta que a haja escripta ou, pelo menos, impressa.

Na sua mudança do convento arruinado de Santa Catharina de Ribamar para o que edificaram nas terras do *Cano do Moiro*, transferiram os frades para o convento novo a invocação do que deixavam. Porém, assim que o primeiro foi reedificado pelo conde de Miranda, no anno de 1636, consagraram o segundo a Nossa Senhora da Boa Viagem, cuja formosa imagem de vulto se venerava em um nicho sobre a capella-mór da egreja d'este convento.

Começou n'esse anno a devoção dos maritimos com a santa imagem, que, sustendo no braço esquerdo o Menino Jesus, tinha na mão direita um navio, como emblema da sua invocação. Não tardando a Senhora a ser afamada como milagrosa, principiaram a concorrer ao seu templo numerosas romarias, e a affluir ao seu altar as offerendas dos mareantes, promettidas no meio das tormentas. Assim vieram ornar a imagem muitas peças de grande valor, d'entre as quaes sobresaía uma coroa de oiro massiço, primorosamente fabricada. Os cordões de oiro e os vestidos e mantos de seda recamados do mesmo metal eram sem conto.

Não foi, porém, a devoção dos mareantes, nem a das outras classes do povo, que trouxeram as grandes riquezas ao thesouro de Nossa Senhora. Como a boa viagem é um successo prospero, começaram tambem varias princezas a pegarem-se com a sagrada imagem para obterem, por sua intercessão, hora feliz nos seus partos. A primeira que invocou a protecção da Senhora para este fim foi a rainha D. Maria Sophia de Neubourg, segunda mulher del-rei D. Pedro II. Este exemplo foi seguido não só pela nossa familia real, desde aquella epocha até á partida da corte para o Brazil, mas tambem pelas familias reaes estrangeiras mais proximamente ligadas em parentesco com a de Portugal. A rainha D. Maria Sophia communicou esta devoção a sua irmã, a imperatriz Leonor Magdalena Theresa de Neubourg, terceira mulher de Leopoldo I, imperador da Allemanha; e a filha d'estes soberanos, D. Maria Anna d'Austria, que veiu ser rainha de Portugal pelo seu casamento com el-rei D. João V, fez devotas de Nossa Senhora da Boa Viagem a sua cunhada, a imperatriz Guilhermina Amelia de Brunswick-Lunebourg, mulher do imperador José I, e a sua sobrinha, a imperatriz Maria Amelia, mulher do imperador Carlos VII.

Outro tanto succedeu com a familia real de Hespanha, por intermedio da rainha de Portugal D. Marianna Victoria de Bourbon, mulher do nosso rei D. José I, e filha de D. Filippe V, e por exemplo da rainha de Hespanha D. Maria Barbara de Bragança, mulher de D. Fernando VI, e filha del-rei D. João V.

D'est'arte foi venerada a Senhora da Boa Viagem por muitas princezas nossas e estrangeiras, que offereceram, para adorno da sua imagem, joias e alfaias de subido valor e de grande apreço artistico. Entre essas preciosidades avultava um riquissimo paramento completo para missa de tres padres, composto de casula, duas dalmaticas, capa de asperges, véo de hombros e do calix, e frontal para o altar da capella-mór. Tudo era feito de lhama de prata bordada a oiro em alto relêvo, cujas flores tinham o centro formado por muitas pedras preciosas de diversas côres. Apesar da riqueza e fausto proverbiaes com que D. João V dotou e ornou a santa egreja patriarchal, nunca esta possuiu um paramento tão magnifico como o do pobre convento da Boa Viagem.

Foi o pae da rainha D. Isabel II quem deu este paramento para o culto de Nossa Senhora, o qual apenas servia no dia da sua festa, e pelo Natal. El-rei D. Fernando VII de Hespanha, que enviuvára em primeiras nupcias sem lhe ficarem filhos, desejava tão ardentemente um successor da coroa, que, vendo adiantada na sua gravidez a rainha D. Maria Isabel de Bragança, sua segunda mulher, e filha do nosso rei D. João VI e da rainha D. Carlota Joaquina de Bourbon, irmã d'aquelle soberano, enviou o referido paramento a Nossa Senhora da Boa Viagem, para que a Virgem alcançasse da Misericordia Divina feliz successo para a rainha, e um herdeiro para o seu throno.

O soberano, que pagára a lealdade e dedicação com que os hespanhoes sustentaram os seus direitos até o libertarem do captiveiro e o restabelecerem no throno, levantando patibulos por toda a Hespanha, e inundando-os do sangue dos que tinham por unico crime amar e desejar para a sua patria instituições liberaes, esse soberano, repetimos, não obteve aquellas graças com tanto empenho solicitadas. Sua desditosa esposa morreu dando á luz um filho, e este apenas sobreviveu á mãe quanto bastou para que ficasse em Castella o rico dote que ella levára de Portugal.

Todas aquellas riquezas foram desencaminhadas na suppressão dos conventos, ou antes d'isso, por occasião do cerco de Lisboa, em 1833, como aconteceu em alguns mosteiros que sabemos.

O convento da Boa Viagem foi vendido pelo estado ao sr. Faustino da Gama, actualmente par do reino, que reedificou e augmentou o edificio, dividindo-o em quartos com accommodações para muitas familias que ahi concorrem na estação dos banhos do mar. O edificio está situado em logar muito elevado sobre o Tejo, o que lhe dá a vantagem de desfructar, em dilatadissimo panorama, vistas de terras, de rio e de Oceano. Pela cêrca, que é bem cultivada, tem accesso facil e agradavel para a praia.

A pouca distancia d'aqui passa a estrada pelo logar de *Caxias*. É uma povoação de trinta e nove fogos e cento e vinte e tantas almas, pertencente á freguezia de Nossa Senhora da Purificação da villa de Oeiras, e ao concelho d'este mesmo nome. É summamente aprazivel a situação d'este logar, edificado junto ao Tejo, na extremidade de um valle, onde vem desaguar a ribeira de Barcarena.

Logo á entrada do logar vê-se uma bonita casa de campo com seu jardim, propriedade do sr. visconde de Porto Covo de Bandeira; e onde a povoação termina começa a *real quinta e paço de Caxias*, correndo-lhe pela frente a estrada e as praias do Tejo com o *forte de S. Bruno*. [1] Foi construido este forte durante as guerras da nossa independencia, no seculo XVII, e faz parte da defensa maritima de Lisboa. [2] É uma pequena fortificação edificada sobre rochedos, presentemente toda cercada de areal, mas que, ao tempo da fundação, navegavam em torno d'ella canoas, e mesmo botes nas marés cheias, ficando no baixamar unida á terra firme por um banco de areia.

O paço e quinta de Caxias eram da casa do infantado, e, pela extincção d'esta em 1833, foram encorporados nos bens da coroa. O paço é um edificio de mui acanhadas dimensões e de modesta fabrica. Deu-lhe principio o infante D. Francisco, filho del-rei D. Pedro II, e bem assim á plantação e obras de arte da quinta; porém, ficando tudo incompleto por morte d'este principe, acontecida em 1742, foi depois acabado por ordem do infante D. Pedro, filho del-rei D. João V, logo que, por sentença judicial, entrou na posse da casa do infantado, que seu tio, o infante D. Antonio, lhe disputou energicamente perante os tribunaes.

O dito infante D. Pedro, depois rei 3.º do nome, e sua esposa, a rainha D. Maria I, iam algumas vezes no verão jantar e passar o dia a Caxias, e o mesmo costumava fazer, de tempos a tempos, el-rei D. João VI com suas filhas, as serenissimas infantas D. Isabel Maria e D. Maria da Assumpção, depois do seu regresso do Brazil. Foi com o pretexto de ir jantar a

[1] Vid. a gravura a pag. 369 d'este vol.
[2] Vid. pag. 233 do vol. V.

este paço que el-rei D. João VI e as duas infantas, suas filhas, saíram do palacio da Bemposta, no dia 9 de maio de 1824, embarcando em Belem para bordo da nau ingleza *Windsor-Castle*, para onde, poucas horas depois, foi levado sob prisão seu filho o infante D. Miguel, no momento em que passava no seu escaler junto da nau, indo com direcção a Caxias. Do vaso inglez foi conduzido o infante a bordo da fragata *Perola*, que em breve levantou ferro para o porto de Brest. Não vem para aqui a narração de todo este episodio da nossa historia contemporanea, do qual resultou alguns dias de anarchia nas ruas de Lisboa, e dois annos de paz e socego, depois de violentos e repetidos abalos.

Desde o anno de 1826, em que falleceu D. João VI, até 1832, esteve esquecido e abandonado o paço de Caxias. N'este anno, porém, foi habital-o o sr. D. Miguel de Bragança, que ahi passou alguns mezes. Poucos annos depois começou a servir de residencia, nos mezes de verão, a sua magestade a imperatriz e duqueza de Bragança. Na triste quadra que se seguiu á sentida morte do sr. D. Pedro V, de saudosissima recordação, foi el-rei o sr. D. Luiz I residir por algumas semanas n'este paço, até se ir estabelecer definitivamente no palacio da Ajuda.

Não corresponde o paço de Caxias á quinta que tem contigua, porque esta é grande, e n'ella avultam obras de arte grandiosas. Em parte é plana, e em parte montuosa. Na planicie estão os jardins, pomares e ruas de bosque. Nos montes cultivam-se cereaes, o que lhes dá, depois das ceifas, aspecto arido e monotono, que singularmente contrasta com os arvoredos, jardins, lagos, e outras graciosas construcções que se estendem junto ás suas faldas.

A parte recreativa da quinta, apesar de estar plantada no gosto antigo, que obrigava a natureza e a arte a sujeitarem-se ás regras da symetria, ainda assim é bella. O jardim principal, e a sua soberba cascata, apresentam uma perspectiva cheia de belleza e magestade. O jardim é, sem duvida, um dos maiores que ha no paiz, e talvez que nenhum outro o eguale em extensão. Cercam-n'o em parte, por dois lados, altas paredes de verdura, sempre mui bem tosquiada, com varios nichos a espaços guarnecidos de estatuas. Adornam-lhe o centro cinco lagos de marmore, se bem estamos lembrados, e no fundo ergue-se, em toda a largura do jardim, a formosa cascata com as suas galerias lateraes, que dá celebridade a esta quinta, e assumpto á nossa gravura.

Eleva-se a cascata a grande altura, rematando em um pavilhão oitavado, com tres janellas e uma porta, todas de vidraças. No centro do pavilhão levanta-se, a um metro, ou pouco mais, do pavimento, um tanque de marmore, todo lavrado em delicadas esculpturas, tendo em cada uma das faces um bom espaço aberto no marmore, e tapado com vidro, de modo que quem está sentado em qualquer dos assentos de veludo carmesi, que estão cortando os quatro angulos da casa, vê os peixes multicores, que nadam e brincam dentro do tanque. Do meio d'este ergue-se um lindo obelisco de marmore de côres, por onde sae agua para o tanque. Das tres janellas, principalmente da que se abre na frente da cascata, goza-se uma vista encantadora, que tem por primeiro plano o jardim e a quinta, depois o Tejo com os montes que lhe debruam a margem do sul, além a serra da Arrabida, e depois, um pouco para a direita, o vulto sem fim do Oceano. A porta da entrada deita para um terrado, onde está o deposito de agua da cascata, e para o qual dão communicação as duas galerias superiores.

É de um effeito maravilhoso ver rebentar, logo debaixo do pavilhão, um grande volume de aguas, que, em amplos lençoes e por entre repuxos que se cruzam, se vem precipitando de degrau em degrau até ao lago, onde está figurado o banho de Diana. O lago é grande, e formado das mesmas pedras carcomidas e tostadas de que são fabricadas a parte central da cascata, por onde se despenham as aguas, e as grutas que se estendem de um e outro lado. Adornam o lago differentes grupos de estatuas collocadas sobre rochedos. No do meio está Diana com duas nymphas, empunhando a lança, d'onde sae elevado repuxo de agua. Nos outros vêem-se nymphas figurando sair do banho, e procurando occultarem-se com os lençoes, como que envergonhadas do olhar curioso do pastor Endymião, que as espreita de cima de um rochedo da cascata, e ao qual Diana castigou da indiscrição transformando-o em veado. O pastor lá se vê com a cabeça de veado, e os seus proprios cães correndo para elle para o matarem, segundo conta a fabula. As estatuas são de barro, pintadas de branco. Foi uma obra provisoria, feita para servir em quanto se não esculpiam outras eguaes de marmore. Porém, como succede muitas vezes em o nosso paiz, ficou permanente o que devia ser provisorio.

As galerias são muito extensas, e dispostas em throno, como jardins suspensos, guarnecendo-as pela frente uma serie de vasos de flores, e no fundo vestindo-lhes as paredes massiços de verdura. Communicam-se entre si e com o jardim por quatro grandes escadarias, duas contiguas á cascata, e as outras duas nas extremidades.

Sobre o monte mais alto d'esta quinta está um mirante [1], hoje muito deteriorado, d'onde os olhos relanceiam muito mais vasto e variado painel, que do pavilhão da cascata, ao qual dão bastante realce Lisboa e a serra de Cintra.

Por detraz da quinta de Caxias, parecendo sair d'entre os seus arvoredos, avulta a egreja do extincto convento de religiosos cartuxos, da ordem de S. Bruno, intitulado *Vallis Misericordiæ*. Tratámos d'este edificio no capitulo sobre antiguidades. [2] Portanto agora só nos resta fallar da povoação que está aos seus pés, e da ribeira que lhe banha os muros.

Chama-se a povoação *Laveiras*. Conta sessenta e tantos fogos com uns 280 moradores, e uma ermida da invocação de Nossa Senhora das Dores, tudo comprehendido na freguezia de Nossa Senhora da Purificação da villa de Oeiras, e no concelho d'este mesmo nome.

A ribeira é a de *Barcarena*, que nasce no sitio da Matta, por cima de Mellessas, no concelho de Bellas; faz trabalhar a fabrica nacional da polvora, e algumas azenhas; passa por varias povoações, das quaes vae tomando o nome, e entra no Tejo proximo do forte de S. Bruno.

No inverno é caudalosa, e no verão leva sempre agua, mais ou menos, com que rega muitos prados, e em que se cria algum peixe. Atravessa-a uma boa ponte de cantaria de um só arco, que dá passagem á estrada real, junto aos muros da quinta de Caxias.

Esta ponte, a da Cruz Quebrada e a d'Algés [3], foram feitas pelos annos de 1618, á custa do senado da camara de Lisboa, mas a instancias e diligencias de fr. Rodrigo de Deus, frade arrabido do convento de Santa Catharina de Ribamar. Até então não havia ponte alguma n'aquelles sitios, de modo que no inverno, quando vinham caudalosas as ribeiras d'Algés, de Jamôr, e de Laveiras ou Barcarena, ficava interrompida a communicação de Lisboa com os arrabaldes de oeste, ou corriam graves perigos os que se aventuravam a passar a váo as ditas ribeiras. N'essas occasiões iam-se collocar alli alguns homens de ganhar, que a troco de uma pequena moeda de cobre

[1] Vid. a gravura a pag. 369 d'este vol.
[2] Vid. pag. 410 do vol. V.
[3] Vid. a gravura a pag. 392 do vol. V.

passavam a collo de uma para a outra margem as pessoas que se queriam utilisar do seu prestimo. Mas ainda assim todos os invernos succediam muitas desgraças n'aquellas ribeiras, que tanto condoeram ao bom do frade, que este não descançou em quanto não conseguiu despertar o zelo da auctoridade, e prover de remedio áquelle mal publico.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

HISTORIA DD UMA VENDEDEIRA

(Conclusão. Vid. pag. 373)

IV

N'uma tarde em que a familia Benton estava merendando, abriu-se rapidamente a porta da casa de jantar, e um moço viajante entrou pela porta dentro. Era Guilherme. Os gritos do alegre sobresalto que saíram de todos os labios, ficaram abafados em pouco tempo com um sem numero de beijos e caricias. Depois de ter passado dos braços de sua mãe para os de suas irmãs, Guilherme viu pela primeira vez, desde que entrára, uma formosa joven retirada para um canto, com os olhos ardentemente fitos n'elle, os braços pendentes, o olhar humedecido, e parecendo querer separar-se como estranha d'este quadro de felicidade geral. Benton comprimentou-a com excessiva cortezia, procurando adivinhar, por um mudo exame, quem seria aquella rapariga.

— Então, disse-lhe a mãe, não vês, Guilherme, é Dolly?

— Dolly, exclamou elle, estreitando-a nos braços; Dolly, minha querida filha, porque tenho bastante direito para assim lhe chamar. Como está formosa e crescida, e encantadora, minha Dolly! Que é boa, honesta e laboriosa estou eu vendo tambem, porque a encontro em casa de meu pae e com logar á mesa entre minhas irmãs. Agradeço-lhe, Dolly, agradeço-lhe do fundo do meu coração a alegria que me causa n'este momento.

Dolly, muito commovida, tinha córado até ás alvas dos olhos; tremiam-lhe as mãos, que o seu bemfeitor apertava; arrasavam-se-lhe os olhos de lagrimas e não se atrevia a erguel-os.

Comprehendeu que devia deixar desabafar na intimidade da familia a alegria d'aquelle regresso. Saíu furtivamente da casa de jantar, sem que dessem por ella, e foi saborear, na solidão do seu modesto quarto, a sua felicidade e as suas esperanças.

Seria por escrupulo, ou por temor, que Dolly não voltou no dia seguinte a casa do negociante, nem no immediato, nem no terceiro! É o que não podêmos dizer aos nossos leitores.

No terceiro dia, porém, aperceberam-se da sua ausencia, sendo isto motivo para Guilherme ouvir o elogio da sua protegida.

— Se eu a fosse buscar? — disse elle. Ensinem-me onde mora.

Kelty vae comtigo, disse a mãe; e d'ahi a pouco Guilherme com sua irmã encaminhava-se para a habitação da costureira.

Encantou-o a honesta simplicidade que poetisava o aéreo asylo de Dolly. Encontrando-se ambos, face a face, depois de seis annos de separação, e outra vez n'uma agua-furtada, não poderam deixar de se lembrarem do seu encontro no horroroso covil dos Cinco Pontos. Um olhar sómente fez com que se comprehendessem. Dolly estendeu a mão a Guilherme, o qual por um mudo aperto lhe disse mais do que muitas palavras, dictadas embora pelo coração, poderiam traduzir.

— É feliz, Dolly?

— Tanto quanto o senhor Guilherme deve ser contemplando a sua obra. Entretanto ha tres dias era muito menos feliz do que sou hoje, porque lhe não podia ainda agradecer.

Dizendo estas palavras, Dolly levou vivamente aos labios a mão da Guilherme.

— Ora vamos, Dolly, disse Kelty acariciando-a, agora não entres a chorar d'esse feitio, bem vês que já voltou o nosso Guilherme. Imagine o mano que se não podia fallar no seu nome sem que lhe chegassem as lagrimas aos olhos. Em quanto por lá andou, vá; tambem a mim me succedia o mesmo; agora porém que já por cá o temos, parece-me que o que se deve fazer é rir e folgar.

Dolly percebeu perfeitamente que com a sua ingenuidade acabava Kelty de lhe descobrir o coração a Guilherme; este viu que a sua protegida córava e pretendia encontrar algumas palavras de leve censura contra a indiscreta falladora.

Para que ha de querer negar similhante coisa, minha filha? — disse-lhe Guilherme. Pelo contrario, deixe que o saiba para lhe poder agradecer muito e muito. E' a mim que cumpre agora mostrar-me reconhecido. Mas, espero que esta noite irá tomar chá a nossa casa.

— Eu... começou Dolly a balbuciar, cheia de jubilo, mas procurando, para rejeitar, um pretexto que ella não queria lhe acudisse.

Guilherme comprehendeu, e interrompendo-a, disse-lhe:

— É minha mãe que a convida; não póde dizer que não.

— Irei, disse-lhe com agrado.

— Tinha Guilherme estudado muito a sua protegida durante os curtos instanstes que passára na sua companhia; feliz por a encontrar mais formosa ainda, e cem vezes mais encantadora do que lhe parecêra no primeiro dia; feliz principalmente por ver que era amado.

N'essa noite, depois do chá, Guilherme invocando os direitos quasi paternaes que lhe conferiam, para com Dolly, os seus antigos beneficios, acompanhou-a até á porta, e ao deixal-a, disse-lhe:

— Amanhã, Dolly, hei de vir a sua casa para conversarmos largamente.

—Esperal-o-hei, sr. Guilherme, respondeu-lhe Dolly estremecendo.

Quando seu filho e Dolly saíram, o sr. Benton, que tinha manifestado um tanto o seu mau humor durante o chá, achava-se engolphado em calculos consideraveis, fazendo manobrar com o lapis na sua carteira um regimento de algarismos. Quebrou-se-lhe o lapis, o que deu motivo, naturalmente, a que interrompesse os seus calculos, augmentando-lhe, por conseguinte, o mau humor. Atirou com o lapis para cima da mesa, e exclamou com uns modos muito sacudidos, voltando-se para sua esposa.

— Agora, que voltou Guilherme, é preciso evitar que a Dolly venha cá tanto a miudo.

— E por que? — perguntou-lhe a mulher.

— Por que?... por que? Parece que não percebes! Creio que a saída d'elles em companhia um do outro esta noite, o seu reciproco enleio, os olhares que estiveram trocando toda a noite, dizem bastante, sem que eu precise entrar em explicações mais circunstanciadas.

E depois, vendo que as filhas já tinham saído da sala, continuou:

— Se Dolly fosse uma rapariga vulgar, se não tivesse sido recebida por nós como filha da casa, não me dava grande cuidado, como deves comprehender, que o nosso filho se apaixonasse por ella; mas, como é muito honesta, bem avisada e timida, se continuarem a amar-se, deves prever que o resultado d'esta

loucura será um pedido de casamento. E asseguro-te que estou resolvido a não consentir. Toma, por conseguinte, as tuas precauções, como boa mãe de familias, tanto pelo interesse d'ella, como d'elle, a respeito do qual tenho eu formado projectos que é da maxima importancia para mim ver realisados quanto antes.

E dizendo isto, saíu precipitadamente, deixando sua mulher entregue a profundas cogitações.

V

As rispidas observações do velho negociante tinham offendido algum tanto a sua esposa, e talvez mesmo, para fallar verdade, murchado as esperanças que lhe floresciam no intimo do coração. A affeição que nutria por Dolly era realmente muito profunda, tanto por causa das suas excellentes qualidades, como pela lembrança do modo por que Guilherme procedêra, procedimento de que Dolly tão digna se mostrára, realisando, além ainda de toda a espectativa, os sonhos que se tinham formado a seu respeito. Não replicou, porém, ás observações de seu marido; tinha uma confiança muito forte e muito grande no seu caracter, na sua razão e no seu juizo; não duvidava, pois, de que tivesse razões particulares, talvez, para proceder de similhante maneira, e não queria attribuir tudo ao orgulho que lhe conhecia. Combateu, pois, tibiamente estas objecções, e abandonou com muita facilidade o campo, vendo que tal resolução era inabalavel. Serviu-se d'ella mesmo para dar a seus filhos muitos conselhos cheios de moderação e de ternura. Talvez que se ella se mostrasse tão severamente inflexivel como o velho negociante, seu filho se sujeitasse, sem murmurar, ás ordens que lhe infligia a vontade de sua familia; porém Guilherme percebeu a fraqueza de sua mãe, e serviu-se d'ella para se for-



Egreja do extincto convento de Laveiras

talecer no seu amor, convencido de que encontraria apoio contra a repulsa e obstinação de seu pae.

Não deu a conhecer a Dolly nada d'isto; pelo contrario, exaltou-se e exaltou-a na sua mutua affeição. Depois, passados alguns dias, trazendo-a pela mão, entrou na sala onde estava a familia toda reunida.

Havia uma apparencia solemne e grave n'esta entrada, como a havia tambem na attitude dos que ficaram soprendidos com esta apparição, posto que a esperassem. A mãe fez um movimento para ir ter com seu filho, porém um olhar do esposo a obrigou, e ás filhas tambem, a não se levantarem do seu logar. Dolly, espavorida com este silencio e com um acolhimento de similhante natureza, sentiu faltarem-lhe as forças, e caiu n'uma cadeira soluçando muito. Apesar da ordem de seu pae, Kelty, que era a mais nova, levantou-se e aproximou-se de Dolly, em quanto Guilherme se dirigiu para seu pae, a quem tomou respeitosamente a mão, apertando-a commovido.

— Meu pae, disse elle, venho pedir-lhe o seu consentimento para o meu enlace com Dolly Gœrts. O que ella é sabe-o meu pae muito bem; o que vale pelo coração, pelo espirito, pela intelligencia, pela alma, póde aprecial-o tão bem como eu; minha mãe o attestaria, se fosse necessario, e minhas irmãs serviriam de fiança.

Seguiu-se um silencio prolongado. A sra. Benton tinha o lenço nos olhos. Benton, com a cabeça baixa e as mãos cruzadas, olhava para o tapete da sala. Guilherme estava de pé, immovel. Dolly tinha-se deixado cair de joelhos, e chorava com a cabeça encostada aos braços da pequena Kelty.

— Meu pae, insistiu Guilherme, espero pela resposta.

Benton abanou a cabeça, e como fazendo um esforço sobre si:

— Quero-te muito, Guilherme, mas devo recusar o consentimento que me pedes.

— Sei, meu pae, que nenhuma supplica o faria mudar de resolução; e por isso creio dever perguntar-lhe se é essa a sua ultima decisão.

— É a minha ultima decisão.

— Visto isso, meu pae, passarei sem o seu consentimento.

— Nunca! — exclamou Dolly levantando-se e dirigindo-se para Guilherme. — Nunca, repetiu ella com energia; não consentirei nunca em similhante coisa.

E d'ahi, deitando-se aos joelhos de Benton pae:

— Senhor, continuou ella, sou eu que lh'o supplico; consinta que eu seja esposa de seu filho, abençoada pelas suas mãos.

Benton levantou Dolly, deu-lhe um beijo na testa, e saíu dizendo-lhe:

— É impossivel, é impossivel!

Apenas elle saíu, caíram os dois apaixonados nos braços da mãe, que só podia murmurar entre lagrimas:

— Pobres crianças! pobres crianças!

— Minha senhora, exclamou Dolly, peço-lhe encarecidamente que me mande acompanhar já a minha casa.

VI

Oito ou dez dias depois d'esta scena, circulavam em Nova-York boatos sinistros a respeito da casa Benton. Fallava-se em numerosas e consideraveis quebras no Mexico, no Brasil e em Liverpool, as quaes podiam prejudicar o velho negociante. O seu credito começava a estar abalado.

— Esta tarde, disse elle para seu filho, deve chegar o paquete de Liverpool; é elle que nos ha de trazer a nossa desgraça ou a restauração da nossa fortuna.

Chegou effectivamente o paquete, e trouxe para a praça de Nova-York a noticia da quebra de uma das principaes casas de Liverpool. Este sinistro era o desenlace do drama de que Benton se temia. Realisava-se o sonho cruel de Dolly, mas restava a esperança ainda de recolher alguns destroços d'este naufragio. Uma viagem de Guilherme a Liverpool era necessaria, e foi resolvida.

Desde o dia em que occorreu a scena que acabâmos de descrever, não quiz Dolly apresentar-se em casa da familia Benton, nem quiz receber Guilherme em sua casa, mesmo na companhia das irmãs ou da mãe; mas, na hora em que os dobres funebres da adversidade se fizeram sentir em casa do negociante, foi ella a primeira pessoa que appareceu n'aquelle recinto desventurado. A sua apparição foi uma especie de balsamo para as dores e para as lagrimas.

— Parto, querida Dolly, disse-lhe Guilherme. Não sei qual será o resultado das minhas tentativas; mas de ora em diante, os motivos que se oppozeram ao nosso casamento não devem subsistir já aos olhos de meu pae. Promettes-me esperar por mim, Dolly?

— Pede-me um juramento inutil. Parta. E traga ou não traga, quando voltar, a fortuna para a sua familia, existam ou não existam os motivos que se oppozeram ao nosso casamento, seja eu ou não sua mulher, hei de amal-o sempre.

Guilherme partiu. O golpe que Benton recebêra era forte de mais para um velho. A sua organisação enfraquecida não lhe pôde resistir. Ha ricos que não sabem vir a ser pobres. O velho succumbiu a um ataque cerebral, dois dias depois da partida do filho. A miseria, cuja passagem a presença de um homem estorva sempre, entrou então em casa pela porta e pelas janellas. Que resistencia lhe poderiam oppor uma senhora edosa e duas meninas educadas na opulencia? Dolly, porém, achava-se presente.

O seu trabalho chegou, pouco mais ou menos, para sustentar as quatro, e aquelle quartosinho que ella sonhára viria a ser o porto de salvação para aquella familia de naufragos, converteu-se em piedoso sanctuario, onde o azeite da lampada allumiou a dedicação mais filial, e o trabalho mais nobre que se póde imaginar.

Guilherme regressou ao cabo de seis mezes. Depois de ter regulado e liquidado todos os negocios de seu pae, via diante de si um abysmo. O rochedo de Sisypho pesava-lhe nos braços e nos hombros; a montanha erguia-se diante d'elle enorme, escarpada, formidavel.

— Querida esposa, disse elle a Dolly, recompensou-me largamente o ceo por te haver recolhido da rua n'aquella noite em que te encontrei. Obrigado, querida, por quantos serviços prestaste a minha mãe e a minhas irmãs. Não sei se o meu coração encontrará algum dia bastante ternura e affecto para te pagar tamanha dedicação. Vamos, accrescentou elle voltando-se para os seus; eu sou rapaz, Dolly é animada e robusta; partamos para o Oeste, o futuro é nosso. O trabalho é o guarda da honradez, e o inspirador dos pensamentos grandes e nobres. Provou-o a nossa Dolly. Sirva-nos o seu exemplo de amparo e guia!

E, na verdade, foi ella a benção da familia; o seu coração e a sua intelligencia illuminaram aquella lucta do trabalho; e, segundo noticias chegadas da America, sabemos que Guilherme é hoje um dos proprietarios mais ricos do Jowa.

GABRIEL JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

(Vid. pag. 365)

VII

As horas de provação não correram curtas, nem pouco pesadas para Gabriel Rodrigues. Os vencedores não eram inclinados á clemencia, e tudo se podia temer da sua severidade estimulada pelos impetos da propria facção. A 21 de junho retirou-se, pois, de Sorocaba, quasi no momento em que já apontava ás portas da cidade o barão de Caxias, rodeado das pompas de triumphador, e foi homisiar-se na fazenda do seu amigo José Caetano de Oliveira, hoje barão de Tibagy, residente na villa das Palmeiras. N'aquelle asylo discreto aguardou mais tranquillo as noticias de S. Paulo e de Minas Geraes, aonde ainda ardiam as ultimas faiscas da revolução supplantada. O senador Feijó, sereno e intrépido, imagem viva do heroismo do dever, negou-se a fugir de Sorocaba. Similhante aos antigos patricios de Roma, esperou a a entrada dos contrarios sem recuar um passo, nem baixar os olhos.

Vinte dias de esperanças desmentidas pelos successos, e de perplexidades aggravadas pelas inquietações do espirito, se escoaram para Rodrigues dos Santos, na companhia do hospede que o accolhêra com o riso nos labios e sincero coração, desprezando os perigos a que se expunha voluntariamente. No fim d'elles estavam desvanecidas as ultimas illusões do proscripto, e apertava a necessidade de procurar mais longe outro abrigo, menos arriscado, seguindo a estrada do Rio Grande do Sul, d'onde, protegido pela sedição que assolava a provincia, podia sem tanto receio observar a direcção dos acontecimentos. Um negociante curitibano, David dos Santos Pacheco, conhecido em toda a comarca, incumbiu-se de o encobrir e transportar; mas, apesar de todos os seus artificios, no registo do Rio Negro não foi sem grande difficuldade que o atravessaram, ameaçados a cada instante de violencia ou de prisão.

Finalmente, alcançado o limite da provincia, e pisando já o territorio das Missões do Rio Grande do Sul, Gabriel José Rodrigues conseguiu refugiar-se em casa de Joaquim José de Oliveira, afazendado n'aquelles sitios, denominados os *Hervaes da Gurita*, e demorou-se n'esta casa solitaria e hospitaleira desde setembro até 8 de novembro, em que alli chegou tambem Raphael Tobias de Aguiar, trahido, espiado, e quasi colhido ás mãos dos perseguidores. Batiam as dez horas da noite quando Tobias appareceu; e começava a narrar apenas os lances a que escapára, quando um cordão de soldados investiu a casa, contando com o somno dos moradores para mais facilmente a assaltar.

O rebate ainda foi dado a tempo, e Rodrigues dos Santos, aproveitando as trevas, logrou evadir-se para se esconder no meio das mattas, aonde penou o resto da noite em continuo sobresalto, escutando as imprecações dos soldados que, ao romper da madrugada, prenderam Tobias de Aguiar. Receoso de egual desgraça, Rodrigues dos Santos, pela escuridão da seguinte noite, apressou a fugida com o intento de ir abrigar-se na provincia de Corrientes; mas, avistando o passo de Itaquy, foi obrigado a retroceder. A anarchia campeava solta e infrene por toda a parte; e exposto de um lado a cair varado pelo punhal dos as-

sassinos, e do outro a padecer os tratos e ultrages de uma prisão ordenada pelas auctoridades, preferiu voltar atraz, resignado a todas as consequencias. Para melhor desnortear o faro dos espias, incançaveis em seguir pela pista o rasto dos proscriptos, despiu os seus trajos suspeitos, e, disfarçado com o humilde vestido de simples arreador de tropa, tomou o falso nome de Luiz Teixeira, e buscou a grosseira sociedade dos homens cuja profissão devia servir-lhe de escudo contra a sanha dos inimigos.

Amado logo pela sua bondade, e respeitado depressa pelo seu juizo e perspicacia, foi convidado pouco depois, com vantajosos partidos, por diversos tropeiros. Decidiu-se em favor d'aquelle que lhe offerecia melhores fianças de voltar sem desastre á provincia de S. Paulo. Não nos deteremos em esboçar os incidentes, aliás curiosos, d'esta nova peregrinação; e sómente accrescentaremos, que, descoberto pelo patrão do rancho o segredo do seu disfarce, Gabriel Rodrigues não hesitou em lhe revelar quem era, nem lhe occultou os perigos de que se acautelava. Á sua confiança correspondeu a lealdade do homem obscuro, mas honrado. O seu nome e a magoa dos seus infortunios commoveram profundamente o patrão, que só a muito custo se convenceu de que a segurança do proscripto exigia que elle continuasse a representar o papel de superior, tratando-o como capataz. Na villa do Principe separaram-se com sinceras demonstrações de affecto, e pela segunda vez se abriu como asylo para Rodrigues dos Santos a casa do seu amigo José Caetano de Oliveira, das Palmeiras, da qual se mudou, a fim de melhor se retrahir a todas as suspeitas, para a fazenda de Perituva, do coronel João da Silva Machado, velho amigo de seu pae, e hoje barão de Antonina. Alli, á sombra protectora das florestas, guardado pela amizade mais vigilante, respirou, por ultimo, menos opprimido de tristeza e de saudade. Ausente de quanto extremecia no mundo, cortado o coração a cada momento de repetidos trances, esta hora de pausa e de repouso, no seio de uma familia virtuosa, era-lhe bem vinda, e promettia-lhe futuros menos dolorosos. Soube que sua mãe vivia; que seus irmãos tinham escapado ás iras dos vencedores; e que todos salvos, mas inquietos pela sua sorte, só anciavam que raiassem dias mais felizes, para se consolarem nos seus braços das amarguras de tantos mezes. Deus ouviu aquellas sentidas preces. Dentro em pouco os horisontes começaram a desanuviar-se, e um raio de luz mais viva atravessou a obscuridade que tornára tão sombrio o destino do proscripto.

VIII

Debelada a revolução, e restabelecida a paz, as paixões a pouco e pouco se foram acalmando. Os rigores cederam á lei imperiosa de cicatrizar as feridas da lucta civil. As garantias suspensas tornaram a vigorar em virtude do decreto de 25 de setembro, e o jury succedeu de novo aos tribunaes extraordinarios. O anno de 1843, abrindo-se com estes bons auspicios, parecia assegurar que bem cedo acabaria de sumir-se de todo a nuvem que toldára por tanto tempo a face da provincia de S. Paulo.

As primeiras sessões do jury reanimaram as esperanças dos opprimidos. Os juizes de facto estavam todos concordes no pensamento de attribuir á fatalidade as calamidades passadas, e unanimes no proposito de restituir ás familias consternadas os seus chefes, e ao paiz tantos cidadãos distinctos, que a impaciencia contra a injustiça desviára do verdadeiro caminho constitucional. Absolvidos pelo *veredictum* soberano do jury os accusados que primeiro compareceram, Gabriel Rodrigues entendeu ser chegada a occasião de elle se apresentar tambem, seguro de que a voz de sua defesa não seria suffocada pelos clamores das facções investidas na suprema funcção da magistratura. Despedindo-se das pacificas florestas de Perituva, acompanhado de seu irmão João Ribeiro, entrou na cidade por fins de janeiro, e foi occultar-se na sua pittoresca chacara das margens do Tamandoathey, aonde a familia e os amigos mais intimos lhe enxugaram as lagrimas de tantos padecimentos.

No dia 1 de fevereiro entregou-se á prisão, e no dia 2 ás dez horas da manhã apparecia perante o jury, presidido pelo juiz de direito substituto, o dr. Raphael de Araujo Ribeiro. Occupava a cadeira do ministerio publico o dr. Antonio Duarte Novaes. Concorrêra um auditorio conspicuo e numeroso; os olhos de todos fitavam-se no advogado dos réos, o distincto jurisconsulto dr. João Crispiniano Soares. Candido José da Motta era o segundo accusado. Feitos os interrogatorios, e respondidos com a maior serenidade e inteireza de animo, e lido o libello, expoz o promotor e desenvolveu as bases da accusação. A defesa exaltou, se é possivel, a merecida reputação do dr. Chrispiniano, e o silencio respeituoso com que foi ouvido exprimiu a attenção devida ao seu conceito e á sua applaudida eloquencia. O jury recolheu-se, e meia hora depois volvia á sala da audiencia para declarar os réos não culpados. Rompeu então, em vozes de jubilo, o enthusiasmo comprimido. Gabriel Rodrigues, Candido da Motta, e o dr. Chrispiniano saudados com uma ovação saíram do tribunal acompanhados de immenso povo, que debalde intentavam conter e moderar nos seus transportes.

Pouco depois o ministerio de 2 de fevereiro de 1844, presidido pela honrado estadista Manuel Alves Branco, estendia os braços ao partido liberal, e com o relatorio do decreto de 14 de março inaugurava uma nova epocha nos fastos politicos. As portas da fortaleza da Lage, aonde gemia Raphael Tobias de Aguiar, abriram-se, e a entrada do general na capital da provincia foi um dia de jubilo, cujas recordações tarde se apagarão. O voto popular confirmou na urna os applausos da multidão, elevando á representação nacional Rodrigues dos Santos, nomeado em sexto logar para assistir como deputado á sexta legislatura. N'esta posição, invejada, e por isso mesmo tão perigosa, orando perante auditorios compostos dos homens mais elogiados pelo talento e pelos serviços, nem o seu espirito se intimidou, nem a sua capacidade se offuscou.

Senhor dos poderes da palavra, affavel, e insinuante, não só grangeou zelosos amigos, que nunca mais perdeu, como até conquistou o respeito dos proprios adversarios. Superior por indole a quanto podia rebaixar a natural alteza de suas inclinações, attrahiam-o as intimas afinidades para tudo o que era bello e nobre. Na tribuna, a sua argumentação cortez e vigorosa todos os dias lhe cortava novas palmas, e no trato domestico, a pureza do caracter e o agrado das maneiras, tornando-o accessivel aos mais humildes, cada vez lhe recrutava maior numero de admiradores. Lembrado a miudo para fortalecer alguns dos gabinetes, que nasciam e se dissolviam successivamente a um aceno caprichoso da inconstancia parlamentar, contentou-se com a gloria, mais solida e mais tranquilla, de assignalar a sua competencia nas discussões mais graves d'aquelle importante periodo.

Mas, apesar dos applausos colhidos nos torneios oratorios, a sinceridade com que escrevia desagradou aos que não perdoam facilmente a critica. Na campanha eleitoral de 1850 Gabriel Rodrigues perdeu o logar de deputado; mas, logo depois, a prematura morte do dr. Francisco de Assiz Peixoto Gomide lhe franqueou de novo a entrada na camara temporaria. A febre amarella assolava então a corte, cobrindo-a de lucto e semeando estragos por toda a parte. O amor da extremosa familia, que tinha n'elle o melhor amigo

e protector, oppoz-se a que partisse e fosse arrostar as iras do flagello. Cedeu. Concentrou os seus esforços em promover o melhoramento da provincia.

Escriptor facil e ameno, não corria menos veloz a sua penna, do que a fluencia do repentista na tribuna, compondo artigos politicos, em que sobresaíam os dotes do publicista consummado, ou traçando em cartas espirituosas os quadros da grandiosa natureza dos tropicos. Quando se repousava de fadigas mais asperas, os seus ocios eram os estudos litterarios. Nomeado lente substituto da faculdade de direito de S. Paulo, provou na cadeira de direito patrio, que o ensino podia e devia elevar-se ás alturas philosophicas, em que hoje o collocam os mestres da sciencia. No methodo e no estilo soube adiantar progressos desconhecidos até então, e hombrear com os professores mais venerados na Europa. A mocidade, que já o saudára publicista e orador, acudiu a escutal-o n'aquella fórma, não menos opulenta, do seu engenho, e uniu os applausos juvenis e espontaneos aos louvores imparciaes, que a palavra do mestre arrancava aos juizes mais esclarecidos.

Occorreram n'este meio tempo as eleições geraes, e propondo-se candidato pelo nono districto da provincia, venceu a nomeação. O seu primeiro discurso ácerca do estado politico do paiz no vigor do raciocinio, na concisão da phrase, e na elevação das idéas, foi um dos mais estimados d'aquella sessão. Desassombrado de ambições, e mais zeloso de bom conceito, do que ávido de rapidos engrandecimentos, recusou a presidencia da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, offerecida pelo governo, como já tinha recusado as da Bahia e de Minas Geraes. São pouco frequentes taes exemplos de desinteresse, por isso a independencia verdadeira de caracter é tão prezada. Os partidos só a apreciam, quando os actos, que dicta, favorecem os seus designios; mas logo depois, irritados, derrubam os idolos e calcam aos pés a virtude que exaltaram, se ella se volta contra elles, e justamente altiva se nega a servil-os e a rojar-se-lhes aos pés como escrava.

Rebello da Silva.

(Continua)

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

58.º

DUVIDA

Sob a epigraphe *Estudos da lingua materna*, contestou o illustre redactor do *Archivo Pittoresco*, no n. 42 d'este semanario, a legitimidade do reparo que sobre a palavra *successo*, tomada em sentido absoluto, fizera o douto cardeal Saraiva.

Demonstrou que injustamente a acoimára de afrancezada, soccorrendo-se a alguns exemplos de Vieira, que por vezes a usou na accepção que aquelle celebre philologo havia condemnado.

E podéra ainda citar, em abono do assérto que estabelecêra, varios logares de outro auctor, contemporaneo do famoso jesuita, da mesma sociedade, e classico tambem estimavel pela pureza de linguagem.

O P. Manuel Godinho, na *Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da India para Portugal no anno de* 1663, diz no cap. I, pag. 7 (2.ª edição):

«De repente se viu sem vista das armadas que d'antes senhoreavam os mares, do valor de seus soldados, da prudencia de seus capitães, da fortuna em suas emprezas, do *successo* em suas armas, do zelo em seus ministros».

E mais adiante, no cap. VI, pag. 28:

«N'este poço de Soulí foram por vezes accommettidos de nossas armadas, assim hollandezes como inglezes, mas nunca com *successo* da nossa parte».

E no cap. VII, pag. 43:

«Assegurou o *successo* que vv. ss. e a sacra congregação da Propaganda esperam d'esta sua empreza».

E' evidente que *successo* significa *feliz successo* em todos estes logares; diversa é, porém, a significação n'est'outro do mesmo auctor, poucas linhas abaixo do ultimo transcripto:

«Resolveram-se então a vir por terra com os gastos que v. s. chora, e com o *successo* que nós vemos da perda de tantos e tão bons companheiros».

Aqui *successo* significa não o *feliz*, mas o *infeliz successo*.

Mais explicito é ainda, sob este respeito, outro escriptor jesuita, egualmente recommendavel como classico, em uma passagem com que o cardeal Saraiva poderia exemplificar a doutrina do artigo a que nos referimos, do seu *Glossario*, e que d'ella parece derivada.

O P. Baltazar Telles, na *Chronica da Companhia de Jesus em Portugal*, l. III, cap. XIX (t. I, pag. 519), diz o seguinte:

«Aos que Deus ama costuma revezar os *successos*, dando-os umas vezes *alegres e serenos*, permittindo-os tambem *tristes e adversos*».

Poderá sustentar-se, á vista dos logares citados, que *successo* corresponde sempre, na lingua portugueza, ao *eventus prosper* dos latinos?

Como se deve conciliar o uso de tal vocabulo, havendo-o tomado Vieira em sentido restricto, Godinho em o lato, e Telles no indeterminado?

Qual dos tres escriptores fez d'elle emprego mais philosophico e adequado?

R. de Gusmão.

RESOLUÇÃO

Posto que seja temeridade querermos resolver duvidas propostas por tão douto escriptor e acreditado philologo, não podêmos escusar-nos de manifestar a nossa opinião, visto que essa promessa fizemos aos que se dignassem consultar-nos.

Convem advertir, que no artigo a que se refere o nosso amigo e collaborador, o sr. R. de Gusmão, apenas tivemos o intento de provar que o douto cardeal fr. Francisco de S. Luiz Saraiva, se havia equivocado, dando por *gallicismo* o vocabulo *successo* na accepção de *evento prospero*, que lhe dão os francezes, á imitação dos latinos, dos italianos, e dos nossos classicos.

Isso provâmos.

O empregar-se em portuguez a palavra successo, tanto para os eventos bons como para os maus, não invalida a nossa demonstração de que é vocabulo portuguez, com o mesmo significado que tem na lingua franceza.

Os exemplos citados com tanta propriedade pelo sr. dr. R. de Gusmão, provam, que *successo*, no sentido de *acontecimento*, *succedimento*, necessita de ser adjectivado para se conhecer se foi bom ou mau: e que estando desacompanhado significa o exito feliz (*successus*, *eventus prosper* dos latinos; *succès* dos francezes, e *conseguimento* dos portuguezes).

O melifluo fr. Heitor Pinto diz (De trib. c. 5): «Belisario por seus grandes *successos* suspeito ao imperador, etc.»

Que necessidade tinha de accrescentar *felizes* ou *venturosos*, para sabermos que foram victoriosos, vencendo com suas tropas os persas na Asia e os godos na Italia?

Na opinião de fr. Francisco de S. Luiz, é que fr. Heitor Pinto deveria dizer *felizes successos*, *bons successos*, para não incorrer em gallicismo.

Ora isto é que nós refutámos, e que nos parece irreplicavel.